

DINÂMICAS DA PAISAGEM: OBSERVAÇÕES DA AV. BOULEVARD CASTILHOS FRANÇA

Amanda Carolina de Sousa Seabra¹
Sabrina Fernandes dos Santos²
Victória Ester Tavares da Costa³

Resumo

Em meio às transformações e atividades cotidianas, Belém e seus habitantes convivem com diversas épocas em uma só. O trecho da Avenida Boulevard Castilhos França é um exemplo do que aparentemente é a mesma paisagem, mas que se mostra deveras plural, à medida em que nos aprofundamos em sua história e em sua contemporaneidade.

Palavras-chaves: Boulevard Castilhos França; Urbanidade; Paisagem; Belém.

1. INTRODUÇÃO

Perceber a cidade em que se vive, segundo Magnani (1996: 03), pode ter seu diferencial a partir da perspectiva que se observa. Propomos, então, uma breve discussão sobre um trecho do bairro da Cidade Velha de Belém do Pará, mais especificamente, uma parte da Avenida

¹ Mestranda do Programa de Pós-graduação em Antropologia (PPGA) da Universidade Federal do Pará (UFPA), com ênfase em Arqueologia, e linha de pesquisa “Arqueologia da Amazônia”. Bacharel em Arqueologia pela Universidade Federal do Rio Grande (FURG). E-mail: amanda_seabra@yahoo.com.br.

² Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Antropologia (PPGA) da Universidade Federal do Pará (UFPA), com ênfase em Arqueologia. Museóloga pela Universidade Federal do Pará - UFPA. E-mail: sabrinafssantos@gmail.com.

³ Mestranda no Programa de Pós-Graduação em Antropologia (PPGA) da Universidade Federal do Pará (UFPA), com ênfase em Antropologia Social. Bacharel em Cinema e Audiovisual (UFPA) e Bacharel em Comunicação Social com habilitação em Publicidade e Propaganda (UNAMA). E-mail: victoriaetcosta@gmail.com.



Boulevard Castilhos França, em que constam pontos turísticos, atividades diversas e é uma área histórica, com seus casarões e estruturas que remetem às ocupações coloniais da cidade. Assim, a partir de uma observação participante de habitantes da cidade e que transitam por este(s) espaço(s), relataremos especificidades presentes no convívio e nas paisagens desta urbe.

2. ACUMULANDO PAISAGENS: A COLONIZAÇÃO DE BELÉM PELOS PORTUGUESES

A fundação de Belém ocorre em 12 de janeiro de 1616, logo esta cidade torna-se o principal entreposto comercial da região na época, pois a sua localização geográfica permitia o controle fluvial da chegada das embarcações que vinham do interior e, também, das embarcações que vinham da Europa. Além disso, núcleo da cidade é formado pelos bairros da Cidade (Cidade Velha) e Campina (Carvalho 2011).

Belém, entre os séculos XIX e XX, é entendida como um local ambíguo: de um lado têm-se as imagens de uma cidade presa ainda ao passado pré-colonial, uma “terra do índio” atrasada e selvagem, do outro, a cidade é considerada um centro de modernidade europeia na Amazônia. As mudanças arquitetônicas desse período são provenientes da exploração da borracha, a Belle-Époque, em que casas, palacetes e sobrados eram inspirados na arquitetura francesa e, no caso de Belém, Soares cita testemunhos de viajantes sobre a “Paris tropical” (2008: 21). Além disso, o poder público investiu em melhorias arquitetônicas que estavam ligadas aos conceitos da modernidade, progresso e higiene. São característicos dessa época o Teatro da Paz, a Praça da República e os Mercados de Peixe (ou Mercado de Ferro), Bolonha e São Braz (Carvalho 2011).

As paisagens analisadas são fruto de um processo de ocupação, uso, construção e ressignificação de longa duração que acumulam diversas histórias e agências em suas estruturas arquitetônicas (Ayoub 2016). Assim, tentaremos entender a urbe como lugar de troca e resultado de ações históricas e cotidianas.

2. UMA PAISAGEM, VÁRIAS PAISAGENS

No trecho da Boulevard Castilhos França que vai desde a Estação das Docas ao Complexo do Ver-o-Peso há uma convergência de arranjos sociais e arquitetônicos que desvelam a diversidade histórica e contemporânea da formação de Belém. Neste caminho, temos dois dos mais conhecidos pontos turísticos da capital, mas que, apesar de ficarem lado a lado, guardam contrastes significativos, bem como outros pontos que serão aqui citados. A partir de visitas a estes espaços em diferentes contextos no decorrer do ano, nós, enquanto habitantes da cidade, podemos perceber as diferentes dinâmicas.

A Estação das Docas foi fundada no ano 2000, na área do antigo Porto Fluvial. Apesar de ser um espaço público, as dinâmicas de consumo e de permanência de quem visita o local



revelam o contrário. A vista do Rio Guamá que atrai turistas e habitantes é um de seus maiores chamarizes, no entanto, ao nos voltarmos aos restaurantes e espaços internos, separados das vias de trânsito de pessoas por plantas, escadas, mesas ou portas automáticas e vidros, é facilmente reconhecível a limitação de quem pode ou não entrar, sobre isso, Smith fala das delimitações físicas e das barreiras invisíveis nas paisagens da cidade (2014: 308).

Logo ao lado, a maior feira aberta da América Latina, reconhecida por oferecer comidas típicas paraenses, frutas nativas, artesanatos, ervas, dentre outros, tem grande importância econômica e cultural. O Ver-o-Peso começou a se formar, oficialmente, no ano de 1688 quando a Coroa Portuguesa instala a “Casa do Haver o peso”, um entreposto fiscal para a coleta de impostos dos produtos que saiam e vinham para a colônia. O cartão postal da cidade, sempre em movimento, abastece restaurantes, supermercados e outras feiras locais, oferece alimentação durante o dia e também diversão durante a noite. Afastando e atraindo diferentes públicos, entre trabalhadores e turistas que buscam uma Belém mais próxima do que se conhece como "real" (procurando o exótico ou o excesso de "valor simbólico" (Rogin 1996)).

O Mercado Municipal de Carne - Francisco Bolonha, logo em frente ao Ver-o-Peso, construído entre os anos de 1860-1870, já passou por algumas reformas, hoje sua estrutura tem grande influência da *art nouveau* e abriga lojistas, artesanato, restaurantes e comércio. Na mesma rua, o centro Cultural SESC Boulevard, sediado em um casarão conservado e em expansão, pouco conhecido mesmo por habitantes da cidade, tem programações cujo público se mostra específico e bem reduzido em relação aos demais locais aqui falados.

Destarte, nota-se que esta área brevemente apresentada tem usos que diferem entre si algumas vezes, mas que, principalmente, no que tange aos casarões e estruturas mais antigas, são ocupações que vão além daquelas instituídas em suas épocas de criação. Bem como diferem a partir de quem ou o quê os ocupa.

No decorrer do ano este espaço também é sacro, quando a procissão do Círio de Nossa Senhora de Nazaré por ele passa, é folclórico, quando o Arraial do Pavulagem realiza seus arrastões ou seus ensaios, que ocupam a Praça dos Estivadores, também neste mesmo trecho. Os usos mudam, alterando também algumas características na paisagem. Segundo Smith (2014), a cidade pode ter diferentes funções a partir de quem nela atua, podendo ser uma paisagem ritual, política ou econômica, exemplos que se aplicam no espaço aqui citado. A paisagem é mais que o reflexo da relação entre sociedade e espaço em que ela está inserida, é cultura material. Além de ser fruto dessa interação, é também pensada e construída de acordo com as necessidades diárias das pessoas e de interesses econômicos e políticos (Pellini 2014).

Ao partirmos do pressuposto de que tempo e espaço ao mesmo tempo constroem e são construídos (DaMatta 1997: 30), as interações correntes nestes lugares citados e, de modo mais amplo, neste trecho como unidade, é uma amostra da diversidade de "Beléns" coexistentes. Uma cidade que experiencia passado e presente concomitantemente em seu cotidiano. Não das



mesmas formas, não ao mesmo tempo, mas com elementos que estão dados (como as estruturas físicas, arquitetônicas) e com o que é feito deles e com eles.

Referências

Ayoub, M. L. 2016. Arqueologia da Memória: Estudos e Teorias para um Novo Rumo da Compreensão dos Artefatos. In: Territórios & Fronteiras: Cuiabá, (2): 258-273.

Carvalho, L. Ver-o-Peso - Belém: IPHAN, 2011. 40 p.: il.; 15 cm.

DaMatta, R. 1997. *A Casa & a Rua: Espaço, Cidadania, Mulher E Morte No Brasil*. 5. ed. Rio de Janeiro: Rocco. 163p.

Magnani, J. G. C. 1996. Quando o campo é a cidade. In *Na Metrópole - Textos de Antropologia Urbana*. São Paulo: EDUSP.

_____. 2009. Etnografia como Prática e Experiência. In *Horizontes Antropológicos* 15(32): 129-156.

Pellini, J. R. 2014. *Paisagens: práticas, memórias e narrativas*. In *Habitus*. 12 (1): 125 – 142.

Rogin, M. 1996. *Blackface, White Noise*. Califórnia, EUA: University of California. 336p.

Sarges, Maria de Nazaré. *Belém: riquezas produzindo a Belle Époque (1870-1912)*. 3º edição. Belém: Paka – Tatu, 2010.

Smith, M. L. 2014. The Archaeology of Urban Landscapes. *Annu. Rev. Anthropol.* (43): 307-323. Downloaded from www.annualreviews.org Access provided by University of Florida - Smathers Library on 05/29/15.

Soares, Karol Gillet. *As Formas de Morar na Belém da Belle Époque (1870 – 1910)*. Dissertação (Mestrado). Universidade Federal do Pará, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Programa de Pós-Graduação em História Social da Amazônia, Belém, 2008.

